

SOJA e MILHO

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

O plantio da safra de soja 2024/25 chegou ao final. O relatório do Deral desta semana aponta que já foram plantados 99% da área total estimada de 5,77 milhões de hectares. No entanto, as condições gerais das lavouras apresentaram uma piora, especialmente devido à irregularidade climática em algumas regiões do estado. Na semana passada a área de soja considerada boa representava 99% do total, já nesta semana este percentual foi reduzido para 92%. Esta piora da situação das lavouras aconteceu de forma mais intensa na região de Londrina, Toledo, Cascavel e Umuarama. Já a produção esperada foi estimada em 22,3 milhões de toneladas.

Assim como a soja, o plantio de milho no estado também foi finalizado. Foram plantados 256 mil hectares desta cultura, com expectativa de uma produção total de 2,6 milhões de toneladas. No campo as condições de lavoura são boas para maior parte da área.

FEIJÃO

** Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho*

A área da primeira safra de feijão foi reavaliada em novembro para 167,5 mil hectares, um aumento de 55% sobre os plantados na primeira safra de feijão do ciclo anterior (107,8 mil hectares). A avaliação de outubro já apontava um aumento expressivo (33%) e foi acrescida de mais 15 mil hectares. Grande parte desse aumento aconteceu na região Sudoeste, que normalmente se destaca na segunda safra, mas que neste ano mais que triplicou sua área dedicada aos feijoeiros neste período, passando de 10,2 mil hectares para 32,9 mil. Ainda assim, os plantios são bastante concentrados na região Sul, onde a cultura ocupa atualmente 122,4 mil hectares representando 73% da área cultivada no Paraná.

As plantas continuam se desenvolvendo bem, com 95% da área em boas condições, apesar da preocupação com o calor excessivo e a consequente restrição hídrica ocasionada pela alta evapotranspiração. Caso a cultura não

Boletim Semanal 48/2024 – 28 de novembro de 2024

apresente perdas significativas, a produção pode chegar a 323 mil toneladas, o dobro do obtido na primeira safra anterior (160,4 mil). A colheita deve começar em breve, pois 4% da área paranaense se encontra em maturação.

NOZES e CASTANHAS

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

Algumas das frutas consumidas nas festas de final de ano coincidem com as épocas de colheita no Hemisfério Sul, como as Maçãs, os Pêssegos, as Ameixas, os Abacaxis, as Uvas, as Melancias, as Amoras e as Lichias, etc. Outras espécies são importadas e fazem parte do inconsciente coletivo para estarem presentes nas mesas: são as Nozes e Castanhas, as Cerejas, os Damascos e as Tâmaras, além das emblemáticas Uvas Passas.

As Nozes e Castanhas foram em 2024 (até outubro) o terceiro item nos valores gastos em importações da fruticultura brasileira, com dispêndios de US\$ 118,1 milhões para aquisição de 20,7 mil toneladas, conforme as estatísticas de comércio exterior do Agrostat, do

Ministério da Agricultura e Pecuária – MAPA.

Estes números representam 12,7% dos valores e 3,3% dos volumes de toda a compra externa da Fruticultura, no ano em tela, cujos montantes foram de US\$ 926,4 milhões e 625,5 mil toneladas (t).

São vinte e dois os fornecedores ao Brasil de Nozes e Castanhas, sendo os Estados Unidos, a Turquia e o Chile nossos principais parceiros, nos ofertando no ano corrente 12,9 mil toneladas, a valores de US\$ 91,6 milhões. A trinca respondeu por 62,4% dos volumes e 77,5% dos valores investidos.

Na última década as importações apresentaram uma redução de 13,5% nas trocas financeiras e 44,5% nas quantias, quando comparamos o ano de 2015 com 2024, pois, se no início da série analisada foram US\$ 136,4 milhões para 37,3 mil toneladas, este numerário hoje está em US\$ 118,1 milhões e 20,7 mil toneladas.

Entre 2017 e 2020 as importações decresceram e a partir de 2021 voltaram a subir. Sob outra lente o viés no preço médio da tonelada, houve um acréscimo nominal em dólares de 55,8%, pois na

Boletim Semanal 48/2024 – 28 de novembro de 2024

década analisada as Nozes e Castanhas passaram de US\$ 3,7 mil para US\$ 5,7 mil.

respectivamente em comparação à semana anterior.

BOVINOS

** Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva*

Em 26 de novembro a arroba do boi gordo superou a barreira dos R\$ 350,00, atingindo R\$ 352,00 e acumulando alta de 10,48% no mês segundo o Cepea. A variação ainda não atingiu em cheio as redes varejistas, onde os preços, ainda que proibitivos para parte da população, se encontram controlados pelos estoques e pela demanda. Com as sucessivas altas, o consumidor tende a optar por proteínas mais baratas, e com o poder de compra corroído pela inflação, o preço da carne eventualmente atingirá o limite que a grande maioria dos consumidores estará disposta a pagar. Ainda, o final de ano e as comemorações que se aproximam podem ser um impulso momentâneo no custo com proteínas animais para a alimentação da população.

No atacado, segundo a última pesquisa do Deral, o dianteiro vem sendo comercializado a R\$ 18,66 e o traseiro a R\$ 26,39, altas de 1,48% e 0,51%,

SUÍNOS

** Méd. Veterinária Priscila Cavalheiro Marcenovicz*

A pele dos suínos possui diversas aplicações, tanto no setor alimentício quanto na indústria de produtos manufaturados. Sua utilização mais comum ocorre na alimentação, seja como parte do corte cárneo, como é o caso da carne de porco à pururuca, ou ainda como pele salgada para ser empregada em receitas tradicionais, como a feijoada. Além disso, pode ser utilizada na produção de gelatina e como ingrediente de diversos produtos cárneos, como salsicha, mortadela, presunto cozido superior, bacon e torresmo.

De maneira menos frequente, a pele suína passa por um processo de curtimento para ser utilizada na confecção de artigos como botinas, jaquetas, boinas, cintos, alpargatas, luvas e até revestimento de móveis.

Em termos de comércio internacional, o Brasil tanto exporta quanto importa couro e pele de suínos para

Boletim Semanal 48/2024 – 28 de novembro de 2024

utilização na indústria de produtos manufaturados. De acordo com dados do Agrostat/MAPA, em 2023, o país exportou 2 toneladas de couro e pele de suínos, gerando uma receita de US\$ 20 mil. Apenas o Rio Grande do Sul realizou exportações, com o Chile e o Reino Unido como únicos destinos, com participações de 68% (1,5 tonelada) e 32% (713 kg), respectivamente. A maior parte (73%) das exportações foi de “Couros/Peles de Suínos, Curtido Seco ('Crust')” - NCM 41063200, enquanto 27% corresponderam ao produto “Couros Suínos, Preparados Após Curtimenta - NCM 41132000.

Em 2024, as exportações diminuíram consideravelmente. Até outubro, o Brasil exportou 45 kg de couros e peles de suínos, o que resultou em receita de US\$ 687. A Argentina foi o principal destino (53% - 24 kg), com o Rio Grande do Sul sendo responsável pela exportação. O Maranhão também exportou 21 kg para a Libéria, de produto com a classificação “Couros e Peles, de Suínos, em Bruto” - NCM 41033000.

Por outro lado, em 2023, o Brasil importou 10 toneladas de couros e peles de suínos, a um custo de US\$ 112 mil. O

Rio Grande do Sul liderou as importações, com 79% (8 toneladas), enquanto os 21% restantes (2 toneladas) foram adquiridos por São Paulo. A maioria das importações (69% - 7,1 toneladas) veio da Tailândia, seguida pela China (21% - 2,2 toneladas) e por Taiwan (9% - 970 kg). Até outubro de 2024, o Brasil importou 8,7 toneladas, a um custo de US\$ 76 mil. O Rio Grande do Sul foi responsável por 64% das aquisições (5,6 toneladas), e São Paulo importou 36% (3,1 toneladas). Os Países Baixos tornaram-se o principal fornecedor, com participação de 36% (3,1 toneladas), seguidos pela Tailândia (28% - 2,4 toneladas), China (27% - 2,3 toneladas), Espanha (9% - 746 kg) e Portugal (0,2% - 19 kg).

Esses dados demonstram a importância econômica do mercado de couros e peles de suínos no Brasil, destacando o papel do Rio Grande do Sul como principal polo comercial desse setor.